

## Migrações internacionais para Santa Catarina nos séculos XIX e XXI: um estudo comparativo

### International Migrations to Santa Catarina in the 19th and 21st Centuries: A comparative study

Paulo Rogério Melo de Oliveira \*

#### Resumo

O artigo aborda, numa perspectiva comparada, os fluxos migratórios de alemães e haitianos, nos séculos XIX e XXI, para Santa Catarina, com o propósito de explorar as particularidades históricas das migrações internacionais, no contexto das quais ocorreram os deslocamentos europeus para as Américas, e das migrações globais contemporâneas, cuja dinâmica ajuda a entender a opção que os haitianos fizeram pelo Brasil. A comparação destes deslocamentos humanos, envolvendo diferentes grupos étnicos, em distintos contextos sociais e regionais, nos permite capturar o sentido histórico dos movimentos migratórios, os condicionantes e os debates específicos de cada época, sem os quais as migrações parecem derivar de um impulso natural da condição humana.

**Palavras-chave:** Migrações; Santa Catarina; Haitianos; Alemães; Comparação.

#### Summary

The article takes a comparative approach to examine the migratory flows of Germans and Haitians in the 19th and 21st centuries to Santa Catarina. The purpose is to explore the historical particularities of international migrations in the context of European displacements to the Americas, and contemporary global migrations whose dynamics help us to understand the choice that Haitians make to migrate to Brazil. The comparison of these human displacements, involving different ethnic groups in different social and regional contexts, allows us to capture the historical meaning of migratory movements, and the determinants and specific debates of each era, without which migrations seem to derive from a natural impulse of the human condition.

**Keywords:** Migrations; Santa Catarina; Haitians; Germans; Comparative analysis.

---

\* Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas e nos cursos de História e Relações Internacionais da UNIVAL. E-mail: paulo\_rmo@hotmail.com

## Introdução

Santa Catarina é uma das unidades da federação historicamente mais procurada como destino.<sup>1</sup> A população catarinense, heterogênea e multiétnica, e a ocupação e construção dos territórios, são, em grande medida, decorrentes das várias ondas migratórias, internas<sup>2</sup> e externas, que em diferentes contextos chegaram ao Estado. Desde o século XIX, grandes contingentes populacionais, inicialmente da Europa, posteriormente de outros continentes, escolhem, por diferentes motivos, Santa Catarina como destino. Embora os fluxos migratórios sejam frequentes desde a primeira metade do oitocentos, as motivações para migrar, e a escolha por Santa Catarina, não são as mesmas e variam de acordo com as especificidades de cada momento.

O objetivo do artigo é refletir sobre os sentidos históricos das migrações, identificando as motivações dos migrantes e os fatores de atração por trás dos deslocamentos populacionais. Dentre as inúmeras nacionalidades que se estabeleceram em Santa Catarina, no passado e no presente, os alemães e os haitianos estão entre as mais estudadas e os povos sobre os quais existem mais dados disponíveis. Os deslocamentos dos haitianos e dos alemães configuram também movimentos migratórios radicalmente distintos, especialmente se considerarmos as expectativas em relação a presença destas populações na antiga Província e no atual Estado. Por estas razões, optamos pela comparação entre os dois fluxos étnicos/migratórios para explorarmos os diferentes sentidos das migrações no século XXI, no início do século XX e no limiar do século XXI. Um estudo comparativo, neste caso, nos parece fundamental para entendermos, por um lado, o perfil dos migrantes, no passado e na nossa contemporaneidade, e, por outro, como cada época lidou com as migrações. A comparação é um recurso metodológico utilizado para iluminar uma situação, ou um fenômeno, a partir de outro. A identificação de semelhanças e, sobretudo, de diferenças, nos ajuda a perceber as variações e as particularidades de um mesmo e recorrente fenômeno. Marc Bloch sugeriu, como requisito para o

<sup>1</sup> Santa Catarina também é a origem de milhares de migrantes que se lançam no mundo. Criciúma, por exemplo, está entre as dez cidades com mais emigrantes vivendo nos Estados Unidos. MARTES, Ana Cristina Braga. *Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachusetts*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

<sup>2</sup> Embora o artigo trate das migrações transnacionais, vale lembrar que as migrações internas, ocorridas dentro das fronteiras de um país, são responsáveis, historicamente, pelo crescimento da população catarinense. Mais recentemente, o censo do IBGE, de 2010, apontou que Santa Catarina foi o Estado que mais recebeu migrantes, em fluxos interestaduais, entre os anos de 2005 e 2010, e é o terceiro Estado com o maior fluxo migratório do país. DESCHAMPS, Marley Vanice; DELGADO, Paulo Roberto. *Santa Catarina no contexto migratório nacional: um estudo dos fluxos e das características de quem migra*. XIX Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em São Pedro/SP – Brasil, de 24 a 28 de novembro de 2014.

exercício de estudos comparativos, a ocorrência de similitudes entre os fatos e de certas dessemelhanças no contexto em que as similitudes se manifestam (BLOCH, 1928; BARROS, 2007).<sup>3</sup> As migrações alemãs e haitianas, embora semelhantes em certos aspectos (a saída do país de origem em busca de dias melhores e a vinda para o Brasil, e para Santa Catarina), são muito diferentes se observamos o ambiente internacional e as expectativas que mobilizam no país de destino. A comparação nos permite iluminar os dois casos, na sua irredutibilidade, para apreendermos as particularidades de cada situação.

### Os sentidos históricos das migrações

As migrações transnacionais, de uma maneira geral, podem ser definidas como movimentos de transposição de fronteiras que implicam na entrada e saída de pessoas entre países. Neste sentido, migrantes são todos aqueles que residem em países estrangeiros ou aqueles que deixaram seu país e estão, além de suas fronteiras, em plena travessia, tentando entrar em outros destinos.<sup>4</sup> Os deslocamentos transfronteiriços podem ser temporários ou definitivos, espontâneos ou forçados, legais ou clandestinos, laborais ou não, coletivos ou individuais. Mas sempre implicam na travessia de fronteiras nacionais e promovem interações culturais, sob o signo do entendimento e/ou da intolerância. Embora os deslocamentos de população impliquem hoje também o turismo e a mobilidade profissional, movimentos que não sofrem ações coercitivas, e que a rigor destoam dos sentidos históricos e sociológicos do termo migração,<sup>5</sup> a atenção deste artigo recai sobre os movimentos mi-

<sup>3</sup> Ver BARROS, José D'Assunção. *História comparada - da contribuição de Marc Bloch à constituição de um moderno campo historiográfico*. História Social, Campinas-SP, n 13, 2007. e BLOCH, Marc. *Pour une histoire comparée des sociétés européennes*. Revue de Synthèse Historique. 6: 15-50, 1928.

<sup>4</sup> Segundo as Nações Unidas, o número de migrantes internacionais alcançou em 2016 o número de 244 milhões de pessoas. NAÇÕES UNIDAS. *International Migration Flows to and from Selected Countries: The 2015 Revision*. Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais. Disponível em: <<http://www.un.org/en/development/desa/population/migration/data/empirical2/migrationflows.shtml>>. Acesso em: 7 de jan. 2015. O número de migrantes chega a 3,3% da população mundial e o aumento deste contingente é maior que o crescimento geral da população. Apenas para comparar com os períodos anteriores, para se ter uma ideia do aumento dos deslocamentos populacionais nos últimos 50 anos, em 1965 eram 75 milhões de pessoas, e em 1990 eram 120 milhões. HILY, Marie-Antoinette. *As migrações contemporâneas: dos estados e dos homens. Seminário cultura e intolerância*. São Paulo: SESC Vila Mariana, 2003. Disponível em: <<https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-00609853>>. Acesso em: 6 dez. 2016.

<sup>5</sup> O turismo, a mobilidade profissional e as migrações internacionais, podem ser definidos como formas contemporâneas de mobilidade, mas dificilmente podem ser reunidas sob o conceito de migração. São, muitas vezes, como notou Marc Augé, movimentos de sentido contrário: turistas se destinam com frequências, voluntariamente, aos países de onde os migrantes partem. AUGÉ, Marc. *Por uma antropologia da mobilidade*. Maceió: EDUFAL; UNESP, 2010. Todavia, as aproximações e inter-relações entre estas formas de mobilidade não podem ser negligenciadas. Chama a atenção, por exemplo, o fato de países como a

gratórios daquelas populações que deixam para trás seus lugares de origem e estão tentando melhorar de vida ou sobreviver em países que, supostamente, oferecem melhores condições.

Alguns analistas das formas de mobilidade global contemporâneas defendem o abandono do termo migração para descrever a circulação de pessoas no mundo no século XXI, considerado uma época de maior fluidez e abertura. A noção de migração teria mais a ver com os movimentos populacionais de longo prazo, típicos dos séculos XIX e XX. Os movimentos contemporâneos, favorecidos pelas mudanças nos transportes, na tecnologia e na cultura, tornam normal que as pessoas pensem para além de suas fronteiras e as cruzem com frequência para estudar, trabalhar, casar ou viver em outro país. Estes deslocamentos seriam hoje mais importantes que àqueles reunidos pelo termo migração.<sup>6</sup> No entanto, Stephen Castles, lembrando Baumann, identifica certo exagero na proposição e chama a atenção para o fato de que “o direito à mobilidade é hoje mais seletivo e dependente da classe social do que antes”. As formas de controle das fronteiras nacionais, continua Castles:

e a cooperação internacional na gestão das migrações se tornaram altamente restritivos. A maioria das pessoas, nos dias atuais, não tem os recursos econômicos nem os direitos políticos necessários para a livre circulação. Apenas 3% da população mundial são migrantes internacionais. A utopia pós-moderna de um mundo de mobilidade sem fronteiras ainda não alvoreceu e, assim, ainda parece apropriado abordar as migrações como processos baseados na desigualdade e discriminação, e controlados e limitados pelos Estados”.<sup>7</sup>

Os deslocamentos humanos, que caracterizam as migrações, não são um fenômeno recente. Desde os tempos antigos registram-se movimentos de pessoas, entre regiões e lugares, em grandes ou em pequenos grupos. Todavia, o argumento comumente usado de que os deslocamentos populacionais sempre existiram, e derivam de uma tendência da natureza humana, deve ser examinado com cuidado, para não perdermos de vista a dimensão histórica e social do fenômeno migratório. Buscar uma explicação na natureza humana e enfatizar as continuidades, além de deixar escapar o que de particular as migrações têm em diferentes contextos, significa naturalizar o impulso à

---

França, a Alemanha, o Reino Unido, a Espanha e os Estados Unidos estarem, ao mesmo tempo, entre os principais destinos procurados pelos turistas e entre os que mais recebem migrantes internacionais. Uma das explicações para esta “coincidência” de destinos, exploradas por alguns observadores, aponta para a satisfação dos turistas transformada num impulso para a tomada de decisão para migrar.

<sup>6</sup> CASTLES, Stephen. *Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social*. Revista Internacional de Mobilidade Humana. Brasília, Ano XVIII, n. 35, p. 11-43, jul/dez. 2010.

<sup>7</sup> *Ibidem*, p. 15.

migração e minimizar as causas que levam contingentes humanos a abandonar seus locais de origem e reconstruir a vida em outros destinos. Talvez o melhor caminho, considerando que as migrações atravessam os tempos, seja historiar as especificidades de cada época e as circunstâncias locais, regionais e internacionais que empurram contingentes humanos para além das suas fronteiras de origem. Ainda que, em algumas situações, o desejo de melhorar de vida seja o impulso decisivo que subjaz ao desejo de migrar, os sentidos que se atribuem à noção de mudar de vida, em diferentes momentos, são muito diversos, e as circunstâncias históricas e sociais são radicalmente distintas. As migrações dos alemães e dos haitianos para o Brasil ilustram perfeitamente bem este ponto de vista.

No século XIX, e até meados do século XX, eram os europeus que migravam para as colônias e ex-colônias em todos os continentes, em busca de terras, de melhores condições de vida e fugindo dos conflitos e guerras europeias. Foi assim que os alemães chegaram em santa Catarina. Na década de 1960, com a emergência da denominada migração pós-industrial, que apontava para uma mudança significativa nos padrões migratórios registrados até então, os fluxos se invertiam e os impulsos migratórios partiam das antigas áreas coloniais e dos países do hemisfério sul para os grandes centros desenvolvidos. Desde os anos 80, e nas duas últimas décadas especialmente, com a crescente globalização, as mudanças tecnológicas, nos transportes e nas comunicações, e as novas configurações internacionais decorrentes do fim do arranjo bipolar, observamos uma maior complexidade dos fenômenos de mobilidade. A Ásia, seguida pela África, são hoje os principais continentes de origem dos migrantes e refugiados,<sup>8</sup> e os países de origem mais frequentes são a Síria, o Afeganistão, Eritreia, Nigéria e Somália. A América do Norte, notadamente os Estados Unidos, é hoje o polo mais atraente, mas a Europa se destaca, desde

---

<sup>8</sup> Embora frequentemente usados como sinônimos ou como termos intercambiáveis, migrantes e refugiados não são a mesma coisa. O termo migrante é usado para designar genericamente tanto àqueles que buscam, voluntariamente, uma vida melhor em outro país quanto àqueles que solicitam refúgio, fugindo de perseguições políticas, de conflitos, da violação dos direitos humanos e de desastres ambientais nos seus lares de origem. Os termos, no entanto, guardam especificidades que precisam ser observadas, tanto no aspecto jurídico quanto no político. De acordo com a Convenção Relativa ao Estatuto do Refugiado (1951), de ONU, o “termo ‘refugiado’ se aplicará a qualquer pessoa que [...] temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele”. Disponível em <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acessado em 20/09/2019.

o início do século como o continente que mais recebe migrantes.<sup>9</sup> Dos países europeus, a Alemanha é o destino mais procurado.

O Brasil, historicamente, se inscreve nos diferentes contextos migratórios como um país que recebe e envia migrantes para outras partes do mundo. Por um lado, é reconhecido internacionalmente como um país de imigração. Entre 1819 e 1940 recebeu cerca de cinco milhões de migrantes, principalmente europeus, mas, também, fluxos bem menos expressivos, por exemplo, de russos e austríacos. Por outro, somos um país de emigração. Na década de 1990 intensificaram-se os deslocamentos de brasileiros para países como Estados Unidos, Japão, Portugal e Paraguai.<sup>10</sup> No contexto nacional, Santa Catarina, como já salientamos, é um dos Estados brasileiros que, desde o século XIX, mais recebe fluxos migratórios. As diferenças entre as migrações europeias, que trouxeram portugueses, alemães, italianos, entre outros povos, e as migrações globais, das últimas duas décadas, responsáveis pela vinda de senegaleses e haitianos para o Estado, são bastante significativas e precisam ser estudadas nas suas particularidades. A comparação nos ajudará a entender as diferenças e os sentidos destes dois fluxos migratórios.

## **Santa Catarina como destino das migrações transnacionais**

### ***Os alemães***

Embora apresentando contornos próprios, a colonização alemã em Santa Catarina, sobretudo na segunda metade do século XIX, inscreve-se no contexto do projeto imigrantista brasileiro que, em linhas gerais, procurava resolver o problema da mão-de-obra, deflagrado pelo fim do tráfico de escravos da África para o Brasil, decretado pela Lei Eusébio de Queiroz, em 1850. A vinda de imigrantes para o Brasil estava, portanto, essencialmente relacionada à percepção da transição da mão-de-obra escrava para a mão-de-obra livre que se processava no Brasil. As primeiras experiências do projeto imigrantista começaram a ser postas em prática na década de 1840, em meio as pressões internacionais e internas contra o tráfico de escravos. Sob influência das teorias científicas raciais europeias e norte americanas, reformadores sociais e parte da elite política imperial viram na figura do imigrante a melhor escolha para substituir o escravo na lavoura e nas diversas atividades urbanas. Havia por trás da atração de migrantes para o Brasil um modelo eugênico de

---

<sup>9</sup> HILY, op. cit.

<sup>10</sup> COGO, Denise. *Haitianos no Brasil: comunicação e interação em redes migratórias transnacionais*. Chasqui, No. 125, marzo 2014.

melhoramento e branqueamento da raça. Deputados paulistas, na década de 1880, por exemplo, incentivavam a imigração de trabalhadores europeus e barravam, com projetos de lei, a entrada de africanos e asiáticos no Estado.<sup>11</sup>

Além disso, os imigrantes, especialmente os europeus, eram identificados com as aspirações de progresso e civilização, ideais de inspiração positivista, muito em voga naquela época, que garantiriam a evolução do velho Brasil, escravista e colonial, para o novo Brasil, em que “as leis do mercado regeriam, livremente e em igualdade de condições (jurídicas), as relações entre patrões e empregados.”<sup>12</sup>

Com a vinda de trabalhadores europeus, alemães em especial,<sup>13</sup> esperava-se encontrar a mão-de-obra adequada para substituir os escravos nas lavouras de café, em acelerado processo de modernização, e intensificar o processo de branqueamento da população visando o melhoramento da raça.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> SCHWARCZ, Lília Moritz. Espetáculo da miscigenação. In: *Estudos avançados*. São Paulo, vol 8, n. 20, abr. 1994. A ciência da eugenia, também conhecida como “ciência da boa geração”, estava na base dos debates sobre imigração no Brasil do século XIX. Derivado do grego, eugenia significava “boa linhagem”. Os princípios da eugenia foram desenvolvidos pelo cientista inglês Francis Galton, na segunda metade do século XIX, mas foi na Alemanha e nos Estados Unidos, nas décadas iniciais do século XX, que foram colocados em prática. Ver TORRES, Lilian de Lucca. Reflexões sobre raça e eugenia no Brasil a partir do documentário “Homo sapiens 1900” de Peter Cohen. In: *Revista Ponto Urbe* [Online], 2 | 2008, posto online no dia 30 dezembro 2008. Célia Azevedo, explorando as ideias eugênicas no Brasil da segunda metade do século XIX, demonstrou que o projeto imigrantista brasileiro tinha como norte a tese do branqueamento da população e da purificação da raça. AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites, século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987. Os debates e propostas eugênicas, ligadas à migração, se projetaram no Brasil para o século XX. Nos anos 20, o historiador e deputado estadual Alfredo Elias, com o apoio de Oliveira Vianna, apresentou um projeto de lei à Assembleia legislativa de São Paulo propondo a criação de um “aparelhamento científico” para estudar os migrantes que se estabeleciam no Estado. O projeto mirava a aquisição de conhecimentos que pudessem orientar uma seleção migratória. ZEM EL-DINE, Lorena Ribeiro. Eugenia e seleção imigratória: notas sobre o debate entre Alfredo Ellis Junior, Oliveira Vianna e Menotti Del Picchia, 1926. In: *História, Ciências, Saúde*. Manguinhos, Rio de Janeiro, v.23, supl., dez. 2016, p.243-252.

<sup>12</sup> AZEVEDO, op. cit.

<sup>13</sup> A valorização dos imigrantes europeus como ideais, especialmente os alemães, vistos como mais ordeiros, laboriosos e disciplinados, repousava nas ideias de superioridade racial, que circulavam na Europa e no Brasil e, por conseguinte, na inferioridade racial da maior parte da população brasileira. Por trás da vinda dos imigrantes europeus se insinuava, portanto, não apenas uma estratégia de substituição da mão-de-obra escrava, mas um projeto de país. Um redator de jornal da época, mencionado por Célia Azevedo, não deixa dúvida sobre as expectativas que se tinham em relação aos imigrantes: “Cumprir não confundir o problema da imigração com o da substituição dos braços necessários à grande lavoura. Esta quer salarizados e chega a preferir a raça inferior. O escopo da imigração, porém, é de ordem muitíssimo mais elevada, busca organizar os elementos que devem formar a grande nacionalidade brasileira (...). Exige, por isso mesmo, a maior seleção nestes elementos. Ora, para que o imigrante ativo, laborioso, inteligente, progressivo, venha para o Brasil, é preciso que este país ofereça condições de bem-estar para si e para a sua família, impossíveis de encontrar na Europa.” *Ibidem*, p. 85-86.

<sup>14</sup> As discussões em torno do branqueamento da população, intensas depois de 1850, remontam às décadas iniciais do século XIX. Hipólito da Costa Hipólito da Costa, em textos publicados no Correio Brasiliense,

Além disso, os colonos estabelecidos nas proximidades das lavouras de café atuavam como atrativo para a mão-de-obra, como fornecedores de produtos para atender as necessidades da economia paulista e como política de valorização das terras.<sup>15</sup>

Nas províncias do Brasil Meridional as necessidades eram outras. Já na sua origem, observou Gregory:

a imigração para o Brasil Meridional apresentou características um tanto distintas da imigração para outras regiões, principalmente para São Paulo, porque no Sul a grande maioria se tornou proprietária de um pequeno lote de terra para nele reproduzir a sua vida e a de sua prole.<sup>16</sup>

A mão-de-obra escrava no sul do Brasil nunca foi a força de trabalho fundamental da economia, como fora em outras regiões. Os europeus vinham não como substitutos dos escravos, mas para ocupar as terras consideradas desabitadas e constituir a pequena propriedade produtiva. Foi, portanto, uma migração que atendia a uma política de povoamento, de ocupação dos chamados “vazio demográfico”, especialmente em áreas de fronteira.<sup>17</sup>

---

sugeria a substituição dos escravos africanos por brancos europeus, visando povoar o território e “melhorar a população.” SIRIANI, Sílvia Cristina Lambert. *Os descaminhos da Imigração alemã para São Paulo no século XIX - aspectos políticos*. Almanack braziliense, n°02, novembro 2005.

<sup>15</sup> O trabalho do imigrante, em abertura de estradas de ferro, por exemplo, valorizava as terras vizinhas. Daí a localização dos núcleos de colonização em regiões pioneiras, visando a valorização e a especulação dos preços das terras DREHER, Martin Norberto. *O fenômeno imigratório alemão para o Brasil*. Estudos Leopoldenses. UNISSINOS, v. 31, n. 142, 1995, P. 64.

<sup>16</sup> GREGORY, Valdir. *Os eurobrasileiros e o espaço colonial: migrações no Oeste do paraná*. Cascavel: Edunioeste, 2002.

<sup>17</sup> A ideia de que havia um grande “vazio demográfico”, e um território vazio, pronto para ser ocupado e disponível à ação colonizadora, que aparece com frequência nos estudos sobre a imigração europeia para Santa Catarina, foi naturalizada e é utilizada sem nenhuma contextualização. Diversos pesquisadores vêm demonstrando, nos entando, que os ditos territórios vazios, identificados em várias regiões do Brasil, são uma construção das narrativas oficiais das Companhias colonizadoras, de autoridades governamentais ligadas aos projetos imigrantistas e de geógrafos que escreveram sobre a ocupação territorial nas décadas de 1930 e 1950. Nestas narrativas, os “vazios demográficos” eram áreas inóspitas, despovoadas e improdutivas que deveriam ser ocupadas pelos colonizadores seguindo uma política oficial de povoamento. Porém, estas áreas não eram despovoadas. Elas eram habitadas por diversos grupos indígenas – em Santa Catarina eram principalmente os Xokleng – considerados pelo discurso colonizador como hostis e bravios. Estes grupos mantinham uma relação de ancestralidade com o território, não reconhecida pelo Estado nem pelas Companhias colonizadoras. A instalação dos imigrantes alemães na região do Vale do Itajaí, em território Xokleng, provocou uma explosão de conflitos violentos que se estendeu até meados do século XX. Sobre os “vazios de demográficos, ver: ALMEIDA, Carina Santos de. *Tempo, memória e narrativa Kaingang no Oeste catarinense e a proteção tutelar no contexto da transformação da paisagem na terra indígena de Xaçecó*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2015, 542 p. e MOTA, Lúcio Tadeu. A construção do “vazio demográfico” e a retirada da presença indígena da história social do Paraná. *PÓS-HISTÓRIA: Revista de Pós-Graduação em História*. Assis: Universidade Estadual Paulista, vol. 2, p. 123-137, 1994.

As primeiras iniciativas de colonização com migrantes alemães no Estado de Santa Catarina datam da primeira metade do século XIX,<sup>18</sup> quando ainda não se discutia o problema da mão-de-obra. Mas é em meados do século que um deslocamento sistemático, e em larga escala, se dirige para a Província de Santa Catarina. As condições na Europa que levavam aos deslocamentos populacionais para as Américas combinavam fatores sociais, econômicos e políticos. A região que posteriormente se tornaria a Alemanha era constituída por um conjunto de pequenos Estados empobrecidos e conturbados por uma série de guerras e revoluções, o que levava a uma situação econômica e política bastante instável e precária.<sup>19</sup> A vida para os habitantes do mundo rural das várias regiões da Alemanha, que produziam tudo o que consumiam, não era nada fácil:

A vida cotidiana era dura e frugal em quase toda parte. O camponês vivia dos produtos de sua terra, muito raramente comia carne, alimentava-se de pão escuro, de queijo grosseiro, de papas de cevada ou de aveia, de ervilhas e de feijões secos e de algumas raízes: cenouras, rábanos, nabos, rabanetes pretos.<sup>20</sup>

Para os trabalhadores rurais alemães, categoria social da qual veio a maior parte dos migrantes, a decisão de vir para Santa Catarina era motivada, sobretudo, pela possibilidade de ter acesso a um pedaço de terra. Segundo Seyferth, os alemães que se estabeleceram no Vale do Itajaí-Mirim deixaram a Alemanha por causa da escassez de terras e da fragmentação das propriedades.<sup>21</sup> Soma-se a isso as altas e excessivas taxas, em vista dos seus parcos recursos, que deveriam pagar à nobreza para permanecerem em suas propriedades.

A situação agrária, agravada pela atomização das propriedades, provocava duas situações: o êxodo rural e o aumento do número de lavradores sem terras. De um lado, aqueles que deixavam o campo e se dirigiam para as cidades, acabavam se convertendo no “proletariado andrajo”, acometidos pela

---

<sup>18</sup> Houve iniciativas anteriores, com açorianos e madeirenses, em meados do século XVIII, promovidas pelo governo português na então capitania de Santa Catarina, que atendiam as necessidades de defesa territorial na América Portuguesa. Outras iniciativas de colonização com alemães, no governo de Pedro I, em 1829, em São Pedro de Alcântara, e, na mesma época, em Mafra, não surtiram os efeitos desejados – implementação de uma agricultura familiar e ocupação de terras devolutas -, uma vez que o número de migrantes era pouco expressivo e nem todos permaneceram nas terras. SEYFERTH, Giralda. *Etnicidade, política e ascensão social: um exemplo teuto-brasileiro*. Mana vol.5 n.2 Rio de Janeiro Oct. 1999.

<sup>19</sup> *Ibidem*.

<sup>20</sup> BIANQUIS, G. *La vie quotidienne em Allemagne à l'Époque Romantique*. Paris: Hachette, 1956, p. 66.

<sup>21</sup> A legislação sobre a herança da terra, uma das causas das migrações, atomizava a propriedade rural, tornando-a improdutiva à pequena exploração. Chegou ao ponto, observa Seyferth, que os agricultores eram obrigados a comprar os cereais para garantir a sobrevivência das suas famílias. SEYFERTH, op. cit.

fome. De outro, os lavradores sem acesso a um pedaço de terra andavam de fazenda em fazenda em busca de trabalho.<sup>22</sup> O excesso de trabalho e os baixos salários seriam gatilhos para estes trabalhadores decidirem pela migração.

Premidos por estas condições, milhares de alemães atravessaram o mar em busca do “paraíso” prometido pela intensa propaganda promovida pelas Companhias de imigração, responsáveis por estimular a imigração para o Brasil. A propaganda das Companhias e dos agentes de imigração girava em torno da concessão de terras. Vendia-se a ideia de que todos seriam proprietários, sem nenhuma menção às dificuldades que enfrentariam.<sup>23</sup> Vendia-se a imagem de um “paraíso” possível, abundante em terras de boa qualidade e com clima agradável. Os agentes de propaganda procuravam atrair gente com a promessa de lhes pagar a viagem oferecendo terras, semente, gado, material de construção, ferramentas e, também, o gozo de todos os direitos civis, isenção de impostos por cinco anos e liberdade de crença. Um folheto que circulava em Hamburgo em meados do século XIX nos dá uma ideia do conteúdo e do apelo dessas propagandas e do era oferecido àqueles que se dispusessem deixar seus lares:

Iniciamos agora a viagem para terras brasileiras, esteja conosco Senhor, e guie sim, faça Tu o nosso caminho, esteja conosco no mar, com Tua mão paterna, que chegaremos bem felizes na terra brasileira. Deus falou para Abraão: abandona a tua terra, e parte para outra que minha mão forte te indicar [...] Bem-vindo, diz o Imperador, bem-vindos vós a mim. Tereis uma parte dos campos da minha terra. Vos protegerei com minha mão benigna. Vós, meus súditos, na terra brasileira.<sup>24</sup>

Como Abraão, os imigrantes dirigiam-se a uma “terra prometida” guiados pela mão certa de Deus através dos perigos do mar. A promessa era maior que as eventuais dificuldades e o Imperador os esperava generoso, protetor, de braços abertos a dividir a “terra brasileira”. Ainda que nem tudo ocorresse conforme o que a propaganda prometia,<sup>25</sup> os alemães eram

---

<sup>22</sup> *Ibidem*, p. 23.

<sup>23</sup> *Ibidem*, p. 28.

<sup>24</sup> Apud ANDRADE, S. *Os alemães estão chegando: discursos sobre o imigrante alemão em Santa Catarina (1850-1890)*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 2000, p. 65-66.

<sup>25</sup> As dificuldades iniciais que os alemães enfrentaram não foram poucas. Destaca-se, na documentação da administração colonial, além da natureza ainda intocada, problemas como o isolamento, as altas taxas de mortalidade, principalmente infantil, decorrentes da falta de assistência médica, da inexistência de medicamentos e do regime alimentar à base de farinha de mandioca e charque disponível no período de espera pelo lote colonial, além do registro de surtos (e também epidemias) de varíola, desintéria, tifo, malária, etc. Além disso, os ataques dos Xokleng, chamados de bugres, e o roubo de alimentos e destruição

esperados, no Brasil e em Santa Catarina. Um grande esforço foi realizado para atraí-los.

Com os haitianos, como veremos, a situação, cem anos depois, é bem diferente. Em grande medida, são migrantes indesejáveis,<sup>26</sup> que não foram convidados, e a sua presença, embora não muito expressiva nas cidades brasileiras, divide opiniões<sup>27</sup> e coloca em xeque os dispositivos legais do Estado brasileiro para lidar com os deslocamentos inesperados deste início de século.

### Os haitianos

Diferentemente dos fatores que trouxeram os alemães para Santa Catarina, foram catástrofes ambientais que, num primeiro momento, fizeram com que os haitianos deixassem sua terra para trás e migrassem para o Brasil. O impulso inicial para as migrações haitianas foi sem dúvida o terremoto de 2010 e a situação de caos que se seguiu. Posteriormente, as redes migratórias, articuladas por haitianos já residentes no Brasil e por entidades sociais, facilitariam a vinda de novas ondas migratórias.<sup>28</sup>

---

das plantações, colocavam em risco os assentamentos dos colonos. SEYFERTH, Giralda. *As identidades dos imigrantes e o melting pot nacional*. Horizontes antropológicos. vol.6, no.14, Porto Alegre: Nov. 2000.

<sup>26</sup> Indesejáveis do ponto de vista do Estado brasileiro, que não planejou a vinda dos haitianos. Mas, para as empresas sediadas em Santa Catarina, que os recrutam, como vimos, nas fronteiras do Acre, ou de uma região para outra, aqui no Estado, a mão-de-obra barata haitiana, pelo que se desprende do esforço para atraí-la, é muito bem-vinda. Desde a década de 1930, quando a migração foi regulada pela Constituinte, o Brasil adotou uma “gestão restritiva de trajetórias individuais seletivamente indesejáveis. Desde então, e apesar de sua reformulação na década de 1980, a lei brasileira de imigração continua determinada por esta perspectiva seletiva. Ver VERÁN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva; FAINSTAT, Tyler. *Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas)*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 57, N 4, 2014.

<sup>27</sup> Inúmeros casos de violência e violação dos direitos humanos foram denunciados em várias cidades brasileiras ao Ministério Público do Trabalho. Em 2014 o Ministério iniciou uma série de investigações contra racismo e xenofobia envolvendo haitianos. Em Curitiba (PR), em 2014, haitianos que trabalhavam em uma empreiteira acusaram seus patrões de submetê-los a violência verbal e física. No mesmo ano, em Belo Horizonte, 121 haitianos foram encontrados vivendo em moradias insalubres e trabalhando em condições análogas à escravidão. Em São Paulo, seis haitianos foram baleados “gratuitamente” aos gritos “haitianos, vocês roubam nossos empregos”. Na cidade de Lageado (RS), um haitiano teve sua bicicleta roubada por 3 suspeitos e foi espancado até desmaiar, e em 2015, após uma briga entre 10 brasileiros e um haitiano, o imigrante foi morto a facadas na cidade de Navegantes (SC). GOMES, Marcela Andrade. Os impactos subjetivos dos fluxos migratórios: os haitianos em Florianópolis (SC). *Revista Psicologia & Sociedade*, N 29, 2017.

<sup>28</sup> Redes migratórias, de acordo com Massey e Kelly, são “complexos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não migrantes nas áreas de origem e de destino, por meio de vínculos de parentesco, amizade e conterraneidade.” MASSEY, Douglas. *Economic development and international migration in comparative perspective*. *Population and Development Review*, v. 14, n. 3, p. 383-413, September 1988. p. 396.

O fluxo migratório haitiano,<sup>29</sup> iniciado em 2010, e intensificado em 2011 e 2012, representa a inserção do Brasil na rota das migrações globais transnacionais no século XXI<sup>30</sup> e a afirmação da atratividade do país no cenário internacional. Embora, como bem observou Cogo, a presença de haitianos e de outros migrantes globais no Brasil seja ainda modesta, quando comparada à migração para os Estados Unidos, Europa e alguns países do Oriente Médio, “esse posicionamento do Brasil como receptor de imigrantes tem colaborado para a afirmação de um outro posicionamento geopolítico ao situá-lo de modo singular na tensão concernente às migrações transnacionais no contexto do capitalismo global”.<sup>31</sup>

A escolha do Brasil como destino se deve a uma soma de fatores. Impedidos de migrar para o “norte global”, e devastados pelo surto de cólera que se abateu sobre o Haiti dez meses após o terremoto, milhares de haitianos abandonaram o país em direção aos países da América do Sul, especialmente Guiana Francesa, Equador, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia, Chile, Argentina e Brasil. Apesar do Brasil não se constituir no principal destino das migrações haitianas, um contingente populacional expressivo alcançou nossas fronteiras.<sup>32</sup> A presença militar brasileira no Haiti, com intenções cooperativas e estabilizadoras, no comando da Minustah (Missão Internacional das nações Unidas para a Estabilização do Haiti), desde 2004, e as relações estabelecidas com o conjunto da população haitiana, certamente influenciaram na definição do destino dos migrantes e na concessão do visto humanitário e carteiras de trabalho por parte do governo brasileiro. É importante lembrar que a realização de grandes eventos globais, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016, projetaram o Brasil no cenário mundial e aumentou a atratividade do país.<sup>33</sup>

---

<sup>29</sup> Vale registrar que o deslocamento para o Brasil é o quarto eixo migratório haitiano. Os primeiros movimentos migratórios, em direção à república Dominicana, ocorreram no final do século XIX e se estenderam até 1930. O segundo, entre 1915 e 1930, teve Cuba como destino. Posteriormente, em 1960, os deslocamentos foram na direção dos Estados Unidos.

<sup>30</sup> BAENINGER, Rosana; PERES, Roberta. *Migração de crise: a migração haitiana para o Brasil*. Revista Brasileira de Estudos Populacionais, Belo Horizonte, V. 34, N. 1, 2017.

<sup>31</sup> COGO, op. cit.

<sup>32</sup> THOMAZ, Diana Zacca. *Migração haitiana para o Brasil pós-terremoto: indefinição normativa e implicações políticas*. Primeiros Estudos, São Paulo, n. 4, p. 131-143, 2013.

<sup>33</sup> O Brasil se tornou, neste contexto, uma opção para migrantes dos Estados Unidos, da Espanha, de Portugal, de Senegal e do Haiti. Numa pesquisa realizada no final de 2011, com um grupo de 140 haitianos recém imigrados para a cidade de Manaus, verificou-se que grupos que orientam os haitianos sobre o mercado de trabalho no Brasil, “lhes garantem que a Copa 2014 oferece vaga de trabalho em quase todos os setores”,

Ao mesmo tempo, a imagem que o Brasil projetava no mundo - a de um país política e economicamente estável e praticante de uma diplomacia que ia na contramão das políticas restritivas do Ocidente, praticadas por exemplo pelos Estados Unidos e França -, o tornava atraente e acolhedor para os haitianos que decidiram migrar.<sup>34</sup>

A migração haitiana é uma “migração de crise”. Na origem dos deslocamentos identifica-se um evento que os obriga a migrar. O terremoto de 2010, que provocou uma crise humanitária de grandes proporções, seguida do desemprego e da falta de perspectivas, foi o evento cataclísmico que precipitou as migrações.<sup>35</sup> O terremoto de alta magnitude, que matou cerca de 222 mil pessoas, feriu outras 300 mil, e deixou cerca de 1,6 milhões sem moradia e em situação de deslocamento,<sup>36</sup> reforçou a imagem internacional do Haiti como um país inseguro, instável e marcado por diásporas.

Mas a crise também se evidenciou no país receptor, que precisa dispor de instrumentos jurídicos para enfrentar o inesperado da situação. O ineditismo da chegada de um grupo de haitianos na tríplice fronteira norte do Brasil (Tabatinga-AM), no início de 2010, como bem observou Silva, pegou o país de surpresa:

pois, se a emigração não é uma novidade na história migratória do Haiti, em território brasileiro sua presença constituía um fato novo, que foi assumindo

---

ou que “os salários no Brasil, por ocasião da Copa 2014 seriam pagos em dólares. Por isso estão tão decepcionados com o baixo salário que estão recebendo.” OLIVEIRA apud COGO, op. cit.

<sup>34</sup> Após o terremoto de janeiro de 2010, e o espetáculo de sofrimento do povo haitiano, a comunidade internacional respondeu solidariamente mobilizando recursos para aliviar o sofrimento das vítimas. Entretanto, apesar dos discursos e das demonstrações públicas de solidariedade para a reconstrução do país, observou-se uma postura bem menos generosa em relação aos haitianos que atravessavam as fronteiras em busca de refúgio. Os Estados Unidos, principal provedor de ajuda ao Haiti após o terremoto, não aceitou a entrada dos migrantes alegando que eles não correspondiam à definição de refugiados presente na lei estadunidense. A França, que também se destacou nas doações, e cujas relações históricas com o Haiti remontam ao período colonial, fechou as fronteiras da Guiana sob o argumento de que poderia se constituir uma rota migratória irregular em direção às suas fronteiras na Europa. THOMAZ, op. cit.

<sup>35</sup> Segundo a Human Rights Watch, dez meses após o terremoto cerca de 1,3 milhão de pessoas ainda viviam em 1300 assentamentos improvisados, onde as condições os deixavam em extrema vulnerabilidade, sujeitos à doenças, violências e inundações. De acordo com a ONU, as taxas de sequestros aumentaram em 33% e as violências de gênero, ampliadas pelo caos decorrente da tragédia, deixaram as mulheres e meninas em situação bastante vulnerável. As migrações forçadas, em busca de segurança e sobrevivência, decorreram, sobretudo, destas condições HUMAN RIGHTS WHATCH. *World Report 2011: Haiti*. Nova Iorque, 2011. 4p. Disponível em: <https://www.hrw.org/world-report/2011/country-chapters/haiti>. Acesso em: 09 Out. 2017.

<sup>36</sup> “No total, 3 milhões de pessoas foram afetadas pelo terremoto. As avaliações calculam o dano material em cerca de 120% do PIB anual do país. Vinte e oito dos vinte e nove edifícios do ministério do governo e aproximadamente 300 mil casas foram danificadas ou destruídas. As estimativas de uma série de ONGs, meios de comunicação e o Banco Mundial sugerem que o governo do Haiti perdeu entre 20 e 40% de seus funcionários públicos.” HUMAN RIGHTS WHATCH. Op. cit.

diferentes significados, à medida que tal fluxo foi aumentando nas fronteiras brasileiras. Num curto espaço de tempo, esses imigrantes se encontravam em todos os estados do Norte e Centro-Sul do Brasil, ou pelo menos por ali passaram, inserindo-se em diferentes atividades do mercado de trabalho.<sup>37</sup>

O Brasil, visivelmente, não estava preparado para absorver o impacto inédito da chegada de 4 mil haitianos entre 2010 e 2012, inicialmente na região norte (Amazonas e Acre). Ficaram explícitos os limites da capacidade de respostas legais e operacionais nos níveis municipal, estadual e federal.

A migração haitiana para o Brasil, na maior parte dos casos, se dá por rotas menos conhecidas. É uma viagem difícil pela América do Sul, que pode durar até três meses, passando por países como Panamá, Equador e Peru, antes de alcançar a fronteira brasileira. A viagem custa em torno de três mil dólares por pessoa e é conduzida por coioetes (ou atravessadores). No Brasil os principais pontos de entrada são Tabatinga, no Amazonas, e Assis Brasil e Brasileira, no Acre.<sup>38</sup> Nestas cidades os migrantes têm acesso a um visto provisório de permanência por até um mês e dali se lançam para outras regiões do país.

A grande maioria dos haitianos que veio para o Brasil após o terremoto não recebeu o visto no Haiti. Por isso, na chegada, imediatamente requisitam a condição de refúgio. Isso explica, com exceção de uma pequena parcela, a opção de entrar no país pelas fronteiras. No entanto, as migrações provocadas por catástrofes naturais não autorizam a concessão do refúgio.<sup>39</sup> A solução encontrada pelo governo brasileiro, e pelo Conselho Nacional de Imigração (CNIg), para lidar com o ineditismo da situação, foi a concessão de vistos humanitários para a permanência dos haitianos.<sup>40</sup>

Em 2011, os primeiros migrantes haitianos chegaram em Santa Catarina. O que os trouxe para o Estado? As primeiras ondas de migrantes não chegaram

<sup>37</sup> SILVA, Sidney Antonio da. *Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil*. Revista brasileira de estudos da população, Belo Horizonte, v.34, n.1, p.99-117, jan./abr. 2017, p. 100.

<sup>38</sup> PACÍFICO, Andrea Pacheco; PINHEIRO, Thaís Kerly Ferreira. *O status do imigrante haitiano no Brasil após o terremoto de 2010 sob a perspectiva do Pós-Estruturalismo*. Revista Perspectivas do Desenvolvimento, n 1, 2013.

<sup>39</sup> A Convenção de 1951, da qual o Brasil é signatário, e a Lei 9.474/97, apenas preveem como causa de refúgio perseguição por raça, nacionalidade, religião, opinião política ou pertencimento a certo grupo social. PACÍFICO; PINHEIRO, op. cit.

<sup>40</sup> A regularização da entrada dos haitianos no Brasil passou a vigorar a partir da resolução n 97/2012, do Conselho nacional de Imigração. De acordo com a Resolução a embaixada brasileira no Haiti concederia cem vistos mensais para os que desejassem migrar para o Brasil. A Resolução visava, entre outras coisas, diminuir a vulnerabilidade dos haitianos, sujeitos às ações dos atravessadores e do tráfico internacional de pessoas. O visto, concedido nestas condições, tem validade para cinco anos, renovável se o migrante comprovar vínculo empregatício regular. TELÉMAQUE, J. 2012. *Imigração haitiana na mídia brasileira: Entre fatos e representações*. Rio de Janeiro, UFRJ/ECO. Disponível em: < /08/jenny-haitianos-mono.pdf>. Último acesso em: 04 out. 2012.

à Santa Catarina porque já tinha a rota traçada anteriormente. Foram empresas sediadas em cidades catarinenses que se dirigiram às cidades fronteiriças do Acre recrutar a foça de trabalho haitiana e atraí-la para as cidades sede: Itajaí, Balneário Camboriú e Navegantes. As empresas Multilog, Ambiental e Imbrasul trouxeram os primeiros haitianos para trabalhar como garis em Balneário Camboriú, no porto de Itajaí e na construção civil em Navegantes, realizando tarefas que exigiam força física. Posteriormente, os haitianos foram trabalhar em outras atividades, como supermercados e postos de gasolina.<sup>41</sup> Do vale do Itajaí, a partir de 2014, os haitianos se dispersam para outras regiões. Segundo Magalhães (2016), regularmente empresas do ramo frigorífico, do Oeste catarinense, recrutam trabalhadores haitianos no Vale do Itajaí, principalmente em Balneário Camboriú, com promessas de alojamentos gratuitos.<sup>42</sup>

Se num primeiro momento foram os recrutamentos que atraíram os haitianos para Santa Catarina, nos anos seguintes foram as redes migratórias que entraram em ação. Amigos e parentes, já residentes no Estado, incentivavam os que haviam permanecido no Haiti a migrar, oferecendo referências positivas dos lugares onde viviam. Constituiu-se assim uma rede de relações sociais e laborais entre o Haiti e Santa Catarina. Os que vinham, mobilizados por esta rede, já tinha destino certo e já contavam com emprego e hospedagem inicial garantidos. Para Magalhães, a formação e o funcionamento desta rede são observáveis entre os haitianos residentes em Balneário Camboriú:

(...) a rede social, fortalecida pela criação da Associação dos Haitianos em Balneário Camboriú em Março de 2013, é o que verdadeiramente dá sequência hoje ao fluxo, especialmente através do desejo e iniciativa de trazer à Balneário Camboriú os parentes que ficaram no Haiti. Outro aspecto desta etapa atual do fluxo de imigrantes haitianos é a proporção maior de crianças e mulheres, especialmente nos ônibus que têm chegado do Acre nos últimos meses. Esta proporção maior indica utilização da possibilidade do visto de reunificação familiar, que permite a vinda dos familiares residentes no Haiti ao Brasil. As redes sociais, materializadas hoje no espaço de ajuda mútua representado pela Associação dos Haitianos da cidade, são um elemento fundamental da atual conjuntura migratória internacional e de como Balneário Camboriú se insere nela. E pela dispersão no território, não apenas Balneário Camboriú, mas várias outras cidades.<sup>43</sup>

<sup>41</sup> MAGALHÃES, Luiz Felipe Aires. *A imigração haitiana em Santa Catarina: fases e contradições da inserção laboral*. XI SEMINÁRIO DE PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SEPECH Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina: 27 a 29 de julho de 2016.

<sup>42</sup> Até 2016, segundo pesquisa realizada por Luiz Felipe Magalhães, 150 haitianos haviam sido levados de Balneário Camboriú com destino a Chapecó. Embora a promessa seja essa, os alojamentos são descontados diretamente da folha de pagamento. *Ibidem*.

<sup>43</sup> *Ibidem*.

A vinda dos haitianos para Santa Catarina, num primeiro momento, não foi decidida por antecipação. Ao que tudo indica, não era um destino conhecido. O objetivo dos migrantes era chegar ao Brasil e solicitar refúgio. Foram iniciativas empresariais, interessadas numa mão-de-obra mais barata, que colocaram as cidades catarinenses no radar dos haitianos. Foi só depois dos primeiros grupos de migrantes já estabelecidos é que novos fluxos migratórios, destinados especificamente a Santa Catarina, se formaram.

### Os diferentes sentidos das migrações: exercício comparativo

O que levou um alemão ou uma família de alemães a migrar para o sul do Brasil no século XIX e o que leva um haitiano a deixar seu país e tentar a sorte em Santa Catarina hoje, mesmo considerando que ambos desejassem melhorar de vida, são situações muito diferentes. Podemos, nos dois casos, chamar os deslocamentos de migração, mas devemos estar atentos para as condições históricas que os singularizam. O contexto internacional e as adversidades internas enfrentadas pelos indivíduos e pelas famílias, e que os levam a decidir pela migração, são absolutamente distintos, como também são as expectativas que os movem, os valores que praticam, os projetos de vida e os incentivos externos. O sentido mesmo de migração, no século XIX e em boa parte do século XX, era diferente dos sentidos que hoje atribuímos ao fenômeno, sobretudo se considerarmos o caráter global e multidirecional dos deslocamentos humanos.

A natureza dos laços entre os países envolvidos nas migrações também nos parece importante, uma vez que pobreza e desemprego não são suficientes para explicar os fenômenos migratórios. Brasil e Alemanha mantinham, no século XIX, vínculos comerciais, financeiras e econômicos que se intensificaram no final do século, estimulados pela forte presença alemã, sobretudo no sul do Brasil.<sup>44</sup> Com o Haiti, por conta da participação do Brasil na Missão de Paz nas Nações Unidas, desde 2004, os laços são de natureza cooperativa e solidária, em que pesem as críticas à nossa presença no país.<sup>45</sup> Para Rubem

---

<sup>44</sup> A Alemanha, em função do crescimento populacional, passou a absorver crescentemente produtos coloniais brasileiros como café, cacau, algodão, tabaco, arroz e açúcar. O Brasil também se tornou um importante comprador de produtos industrializados alemães. Diversas linhas de navios a vapor conectavam portos da Alemanha aos portos do Rio de Janeiro e São Paulo. E desde a década de 1880 os negócios bancários se incrementaram entre os dois países. Com o crescimento do volume do comércio, bancos alemães fundaram filiais no Brasil. RINKE, Stefan. *Alemanha e Brasil, 1870-1945: uma relação entre espaços*. Hist. cienc. saúde-Manguinhos vol.21 no.1 Rio de Janeiro: Jan./Mar. 2014, Epub Feb 17, 2014.

<sup>45</sup> Setores da população haitiana e organizações ligadas a movimentos sociais e universidades brasileiras e no Haiti, questionam o caráter imperialista e gerador de violências e insegurança que a presença no

Cesar Fernandes, diretor da ONG Viva Rio, que atua no Haiti, “a presença de brasileiros naquele país vem colaborando para o que o Brasil passe a integrar, de modo crescente, a consciência coletiva dos haitianos a partir do estreitamento de vínculos afetivos e simbólicos relacionados principalmente a elementos como a origem africana comum, a música e o futebol”.<sup>46</sup> Este estreitamento das relações, para além dos vínculos afetivos, promove o consumo de produtos midiáticos brasileiros no Haiti, o que sem dúvida faz diferença, para certos grupos, na hora de decidir para onde migrar.

São estas percepções que nos ajudam a entender os sentidos históricos das migrações e evitar generalizações que atropelam a historicidade dos deslocamentos e os consideram como um fenômeno universal e homogêneo, que se perde e se confunde na névoa indistinta dos tempos.

A vinda dos alemães foi planejada pelo estado receptor e atendeu as demandas dos governos imperial e provincial. O Estado brasileiro viu na figura do imigrante um meio para a realização dos seus objetivos: os interesses em torno da substituição dos escravos nas lavouras de café, os interesses fundiários de valorização da terra e produção de gêneros alimentícios para o abastecimento das cidades e a política de ocupação territorial no sul do Brasil. Havia, portanto, um projeto nacional idealizado em torno da figura do imigrante. Uma intensa propaganda foi posta em ação, no continente de origem, para motivá-los a migrar e incentivos foram oferecidos para atraí-los. De maneira complementar às iniciativas públicas, as Companhias e agentes de colonização buscavam atrair migrantes na Europa, valendo-se também da propaganda, e instalá-los em colônias, ou recrutá-los nas áreas de colonização mais antigas e instalá-los nas áreas novas.<sup>47</sup>

Os alemães foram convidados a migrar. Eram, por isso mesmo, bem-vindos. Vinham para preencher um suposto “vazio demográfico” e desenvolver a pequena propriedade produtiva. Além de substituir os escravos, nas regiões onde está mão-de-obra era fundamental, a vinda dos migrantes europeus

---

exército brasileiro provoca do Haiti. COGO, op. cit.

<sup>46</sup> *Ibidem*.

<sup>47</sup> Os recrutamentos de migrantes feitos pelas Companhias de Colonização, no século XIX e no começo do século XX, e pelos empresários sediados em Santa Catarina, no século XXI, embora possam denotar certas semelhanças entre as duas migrações, explicitam e acentuam, a bem da verdade, as diferenças. A existência de Companhias privadas de colonização revela a importância que as migrações tinham naquele contexto e os esforços, públicos e privados, para atraí-los. Os empresários, ao contrário, atuam por interesse próprio, num espaço demarcado pela falta de planejamento, na ausência de um projeto migratório e nas brechas de uma legislação desatualizada.

representava, por um lado, a ressignificação do conceito de trabalho, associado até então à escravidão, e um salto civilizacional para o país.

A migração, naquele contexto, e de acordo com as expectativas do governo provincial, visava a colonização. No século XIX, colonizar significava, de um ponto de vista geral, introduzir mão-de-obra e emprega-la nos estabelecimentos agrícolas. Da perspectiva do governo da província de Santa Catarina o significado era um pouco diferente. Colonização era uma política de povoamento e de desenvolvimento de áreas consideradas desabitadas. De acordo com Grosselli, complementarmente:

(...) o termo colonização significa (...) povoamento de vastas áreas do território por meio especialmente de agricultores a quem são distribuídos, grátis ou mediante pagamento, lotes de terra, em particular áreas em que atua uma estrutura administrativa denominada colônia.<sup>48</sup>

Neste sentido, a migração europeia em Santa Catarina foi um instrumento para a colonização. E os alemães foram, preferencialmente, os escolhidos para a efetivação da política de colonização. As migrações eram “desejadas”, pois privilegiava-se a ascendência europeia, vista como superior e como garantia de um povoamento compatível com uma visão de civilização almejada pelas elites políticas brasileiras.

A situação dos haitianos é bem diferente. Se no século XIX e nas décadas iniciais do século XX as migrações eram desejadas, e todo um esforço foi empreendido para convencê-los a vir para cá, e um conjunto de políticas públicas foi posto em ação para recebê-los e instalá-los legalmente, na década de 1930 a situação se altera. A partir de 1933 a migração passou a ser regulada pela Constituinte e diversas políticas restritivas foram aprovadas para dificultar a entrada de imigrantes e refugiados. Desde então, e mesmo considerando as reformas da década de 1980, a legislação brasileira mantém o “paradigma minimalista da porta fechada”.<sup>49</sup> Alcançamos a era das migrações globais e o Brasil não ajustou os dispositivos legais para lidar com as novas dinâmicas dos deslocamentos humanos. Os fluxos migratórios haitianos, característicos desses novos deslocamentos, encontram o Brasil despreparado para receber e absorver os recém-chegados. Da política de portas abertas para os desejados migrantes de ascendência europeia, passamos, depois de receber-

<sup>48</sup> GROSSELLI, Renzo Maria. *Vencer ou morrer: camponeses trentinos nas florestas brasileiras*. Florianópolis, Edita da UFSC, 1987, p. 274-275.

<sup>49</sup> VERÁN, Jean-François; NOAL, Débora da Silva; FAINSTAT, Tyler. *Nem refugiados, nem migrantes: a chegada dos haitianos à cidade de Tabatinga (Amazonas)*. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Vol. 57, N 4, 2014.

mos os contingentes populacionais necessários, para uma política restritiva e desatualizada, que diante de situação inesperada de migração se vê, apesar das demonstrações de boa vontade, obrigada a improvisar no plano jurídico.

As migrações haitianas foram deflagradas por uma tragédia ambiental que mergulhou parte do país no caos, na miséria e na violência, sem perspectivas de melhora a médio prazo. A situação do Haiti ganhou contornos de uma tragédia global e o mundo correu para auxiliá-los, em seu próprio território. Embora os alemães enfrentassem condições sociais e econômicas difíceis, foi a propaganda das empresas de colonização que, em larga medida, os fez decidir pela migração. Não foi uma “migração de crise”, nem para o país de origem nem para o país de destino. Na chegada ao Brasil, não solicitaram refúgio, porque vinham voluntariamente, e não foram recebidos por questões humanitárias, por caridade internacional, mas como cidadãos que vinham contribuir para a construção de um ideal de civilização no país.

No caso dos haitianos, eles vêm por iniciativa própria, e são, em certo sentido, indesejáveis, porque sua vinda não foi planejada e sua presença desperta manifestações de intolerância de parte da sociedade brasileira. Diferentemente dos alemães, os haitianos são recebidos por questões humanitárias. Além do Brasil não ter uma política de intolerância em relação aos migrantes e refugiados, a nossa participação na Minustah, o que denota certo protagonismo do país nas relações internacionais, se comparado como o Brasil dos séculos XIX e das décadas iniciais do século XX, criou um laço de solidariedade com o Haiti que não justificaria uma política de portas fechadas em relação aos haitianos.

Se os alemães vieram para trabalhar na lavoura ou para assumir a condição de pequenos proprietários, ainda que as condições não fossem as melhores, os haitianos, apesar das boas qualificações que muitos deles têm, vêm em busca de empregos, de quaisquer empregos, geralmente precários, que lhes permitam a permanência por aqui. Esta condição dificulta o acesso a melhores postos de trabalho e favorece a exploração da mão-de-obra.<sup>50</sup>

O Brasil, embora não mobilize esforços para lhes impedir ou dificultar o desembarque, como acontece na Europa e nos Estados Unidos, também não festeja a chegada dos contingentes populacionais. Não são exatamente

---

<sup>50</sup> Uma pesquisa recente do Núcleo de Estudos de População, da UNICAMP, revelou que os haitianos são superexplorados e têm seus direitos trabalhistas frequentemente violados em Santa Catarina, principalmente nos setores da agroindústria, da construção civil e de serviços de limpeza. As violações mais comuns são os descontos de salários referentes à moradia, a concentração dos migrantes em setores com mais propensão para acidentes, doenças e desgastes e a assinatura de contratos trabalhistas desfavoráveis ao trabalhador. DIÁRIO CATARINENSE. *Haitianos são superexplorados em SC, revela pesquisa da Unicamp*. Maio de 2017.

bem-vindos e a distribuição dos migrantes, dos Estados por onde entram no Brasil para outras regiões do país, geram uma série de embaraços e constrangimentos.<sup>51</sup> Em Santa Catarina, como em outras cidades brasileiras, como vimos, foram registrados alguns casos de xenofobia e de violência, física e verbal, contra haitianos, sintomáticos da onda de intolerância que varre o mundo em relação aos recentes fluxos migratórios do Oriente Médio e da África para o norte global.

### Considerações finais

A comparação dos deslocamentos de alemães e haitianos para Santa Catarina nos permitiu tecer considerações sobre dois fluxos migratórios diferentes que encerram um conjunto de questões específico de cada época. O ambiente intelectual, e os temas em destaque nos meios científicos e sociais, por exemplo, são muito sugestivos do imaginário social que cerca as migrações. Se no século XXI as migrações estão envolvidas pelos debates em torno dos direitos humanos e pela consolidação do regime internacional dos refugiados, no século XIX as teorias científicas sobre as raças humanas, que as hierarquizava segundo valores e critérios europeus, e a filosofia do progresso, de inspiração positivista, davam a tônica e, em larga medida, tangenciavam os debates e os projetos sobre as migrações.

O Brasil, como país receptor, e Santa Catarina, escravistas e/ou recém egressos da escravidão, tinham, no século XIX e início do século XX, configurações políticas e econômicas bem diferentes e apresentavam outras necessidades, quando comparadas com o século XXI. O ambiente internacional, ou regional, em que os deslocamentos ocorreram, marcado na Europa

---

<sup>51</sup> Vale registrar que o prefeito de Florianópolis, Cesar Souza Júnior, formalizou, em maio de 2015, um protesto no Ministério da Justiça contra o estado do Acre pelo envio de haitianos e senegaleses para a capital catarinense. Os migrantes, de acordo com a queixa, foram enviados sem planejamento e sem consulta às autoridades locais. De acordo com a nota emitida pela prefeitura: “Esse não é um protesto contra os imigrantes, mas sim contra a forma como o governo federal e o Estado do Acre estão agindo. O protesto é contra a transferência de responsabilidade ao município e também pela maneira como o Governo Federal e o Governo do Acre expuseram os imigrantes, com absoluta falta de planejamento e sem qualquer comunicação oficial à prefeitura”. O prefeito lembrou ainda que centenas de migrantes, principalmente do Haiti, já estão vivendo na Capital por iniciativa própria, inclusive inseridos no mercado formal de trabalho. “O que não podemos permitir, arrematou o prefeito, “é que uma rota direta seja instituída por um governo estadual, não temos estrutura para ficar recebendo imigrantes” (NOTÍCIAS DO DIA. *Prefeito de Florianópolis entrará com protesto no Ministério da Justiça contra chegada de haitianos*. Florianópolis, 2015). O protesto caracteriza bem o que estamos tentando demonstrar. Os haitianos não foram convidados, e a vinda não foi planejada. A chegada deles provoca alguns mal-estares e desentendimentos. A nota contra o Acre foi uma forma indireta, e para não se comprometer com organizações dos direitos humanos, de dizer que os haitianos e senegaleses não são bem-vindos.

pelo concerto europeu, pela segunda revolução industrial e pelas unificações da Itália e da Alemanha, emprestaram ingredientes às migrações muito diferentes daqueles que caracterizam o mundo globalizado e interconectado pelas tecnologias de comunicação e transportes. A antiga Província de Santa Catarina, preocupada com a ocupação e colonização dos espaços,<sup>52</sup> e bastante modificada com a vinda e o estabelecimento dos esperados migrantes europeus, era também muito diferente do Estado economicamente forte que hoje recebe os haitianos.

Nestas circunstâncias, parece evidente que os movimentos migratórios tenham sentidos e significados diferentes, ainda que as pessoas em deslocamento buscassem melhores condições de vida do que aquelas que tinham no país de origem. Sem esta percepção histórica das enormes diferenças, mesmo considerando certas semelhanças, somos levados a crer que as migrações respondem mais a um impulso da natureza humana, que os impele ao deslocamento, do que aos estímulos e constrangimentos políticos, sociais, econômicos e ambientais. As migrações são fenômenos históricos polissêmicos que traduzem as particularidades, as necessidades de cada época, tanto dos países de imigração quanto dos países de emigração.

Artigo recebido para publicação em 14/02/19

Artigo aprovado para publicação em 20/09/19

---

<sup>52</sup> “A população catarinense, à época, era pouco numerosa e a densidade muito baixa”, nos informa Grosselli. Os principais núcleos populacionais se concentravam no litoral. No interior, pouquíssimas áreas eram habitadas. Em 1821, a província contava com 35, 223 mil habitantes, dos quais 21, 811 viviam em Desterro. A escassez da população foi uma das razões para iniciar um processo de colonização GROSSELLI, Renzo Maria. Op. cit.